

Arte renascentista

João Pedro Ricaldes dos Santos – História da Arte 2011

Renascimento é o nome que se dá ao período que vai do século XV ao XVI. Significou um retorno às formas e proporções da antiguidade greco-romana. Este movimento artístico começou a se manifestar na Itália, mais precisamente em Florença, um estado independente e um dos centros comerciais mais importantes do mundo.

Em poucos anos, o renascimento difundiu-se pelas demais cidades italianas (período conhecido como Quattrocento). Em fins do século XV, estendeu-se ao resto do continente europeu, no chamado Cinquecento, ou renascimento clássico.

A hegemonia comercial das cidades italianas no século XIV e XV contribuiu decisivamente para fazer da Itália o berço do renascimento, seja pela concentração de riqueza da emergente classe de mercadores e banqueiros, seja pela estrutura política descentralizada e mais favorável ao desenvolvimento das artes e do livre pensamento, se comparada à estrutura centralizadora que formariam os reinados absolutistas de França, Inglaterra e Espanha.

Na verdade a Itália era um conjunto de cidades-estados (repúblicas), sob o controle de grandes famílias burguesas.

Neste contexto político a guerra foi mais rara do que a diplomacia, mas quando explodia revela-se cruel. O papel dos diplomatas foi muito ativo, através de acordos, traições, casamentos de conveniência, grandes festas e presentes.

As principais encomendas aos artistas do período têm, portanto, uma motivação fortemente enraizada neste ambiente de disputas políticas e de projeção de uma imagem de poder. As grandes famílias, as Cortes e o Papado também disputam o talento dos grandes mestres do período.

A riqueza material convive com a preocupação espiritual, constituindo-se assim um complexo contexto cultural em que o desprendimento das amarras coletivistas da sociedade rural e feudal dão lugar à expressão de uma individualidade criativa e humanista até mesmo na relação com o sagrado.

Leonardo da Vinci (1452 – 1519) inventa o sfumato, fusão do contorno ao corpo das figuras, criando assim uma realidade nova, com fisionomias extremamente expressivas em uma composição ordenada em que, freqüentemente o grupo central se arranja em uma estrutura piramidal. O sfumatto é luz que aos poucos passa de um corpo a outro. Portanto, trabalha com contrastes de luz e sombra, não com linhas. “Não vemos linhas, a linha é uma abstração”, diz uma anotação sua.

Leonardo estuda a fisionomia da escultura de Donatello e considera que o pintor deve ser “dono das expressões do rosto humano”. Para tanto recorre a um recurso engenhoso, através da relação entre figura e paisagem: a paisagem acompanha com a textura o caráter da personagem. Na Nossa Senhora do Rochedo tudo se passa como se a natureza confirmasse com sua textura a santidade de Maria. Rochedo simboliza o útero, de ambos surgem a vida, o que revela o caráter místico de Leonardo. O mundo inanimado é representado com uma certa fisionomia viva. O mundo é um grande animal. A paisagem, sua textura, suas cores, são um COMENTÁRIO das características da figura humana, da Virgem, neste caso.

A alta renascença, começo do século XVI, é também profundamente marcada pela obra de Rafael Sanzio (1483-1520). Rafael trabalhou no ateliê de Perugino e aos dezessete anos já era considerado um grande mestre. De Perugino herdou as tonalidades douradas, a paisagem espaçosa e a calma da composição (Ver O Casamento da Virgem, 1504). Fez da sua carreira um aprendizado permanente, assimilando o estilo de todos os seus antecessores e dos mestres contemporâneos.

Após 1504 adota o sfumato de Leonardo. Em 1511 aprende a musculatura das figuras de Michelangelo. Teve sucesso fulminante. No Vaticano pintou as “quatro histórias” (A Disputa do Santíssimo Sacramento, A Escola de Atenas, O Parnaso e As Decretais). Rafael foi o intérprete do humanismo que buscava a fusão do antigo e do moderno.

Michelangelo Buonaroti (1475 – 1564) foi escultor, arquiteto e pintor, mas é como escultor que melhor compreendemos seu processo de criação artística. Michelangelo resolve se imagina como o libertador do personagem que habita dentro do bloco de pedra bruta (como o Davi e Moisés) Ele fez renascer a estatura colossal da antiguidade. Como arquiteto destaca-se por ter projetado a Cúpula da Catedral de São Pedro.

Como pintor suas realizações foram quase divinas. No Teto da Capela Sistina, em Roma, deixou dezenas de personagens bíblicos em posturas difícilísimas de serem desenhadas. Dá especial destaque à musculatura humana de extremo vigor físico. Assim concebidos anatomicamente, seus corpos geralmente descrevem um movimento de rotação sobre si mesmos. Foi ainda exímio criador de escorços.